

EDITORIAL

A RBEUR sempre teve no centro de seu projeto editorial a necessidade de procurar abrigar a riqueza e a diversidade das leituras postas a cada momento na comunidade anpuriana, ao mesmo tempo em que busca estar atenta às problemáticas e aos temas emergentes em seu campo de conhecimento.

Este número traz os resultados da exitosa chamada temática que buscou instigar reflexões acerca das articulações entre economia social, popular, solidária e autogestionária e a produção do espaço, reunindo trabalhos que analisam, do ponto de vista teórico ou prático, as condições objetivas e as potencialidades das experimentações sociais e solidárias na América Latina. Ousou inovar em sua estratégia editorial, ao convidar um editor para ajudar na organização da chamada e definição do *núcleo temático* proposto. A experiência foi bem sucedida e devemos agradecer o empenho da Profa. Luciana Correa do Lago, que exerceu primorosamente as funções de *Editora convidada*. O sucesso da chamada foi extraordinário. Dezenas e dezenas de artigos de alta qualidade foram submetidos neste campo multidisciplinar em construção que procura avaliar a potência transformadora e os limites das práticas autogestionárias enquanto formas associativas de produção e consumo assim como práticas econômicas, políticas e culturais alternativas à ordem neoliberal, orientadas pela busca de melhor qualidade de vida para todos os envolvidos e, em muitos casos, pela construção de uma outra sociedade, onde o princípio da solidariedade se sobreponha ao do mercado.

O desafio foi selecionar os trabalhos que buscavam compreender os vínculos territoriais dessas práticas, seja com a comunidade do entorno, seja com as redes produtivas regionais e nacionais.

Nesse sentido, o bloco temático de economia social, popular e solidária, autogestão e território é aberto pelo artigo *Las tres corrientes vigentes de pensamiento y acción dentro del campo de la Economía Social y Solidaria (ESS): sus diferentes alcances*, escrito por um dos maiores especialistas internacionais do tema, José Luis Coraggio, que sistematiza, em uma visão panorâmica, as três principais vertentes teórico-analíticas da ESS, apresentando suas distintas abordagens, estratégias e interpretações. O autor apresenta alternativas de articulação e integração entre as três visões, entendendo-as como três níveis de intervenção possíveis na dinâmica dos empreendimentos populares, plurais e sociosolidários.

Em seguida, o artigo de Cristiano Gurgel Bickel, *A produção associada autogestionária na construção civil como estratégia para a integração do sistema da economia social na autogestão territorial*, visa ampliar algumas noções teórico-práticas acerca dos modos de organização socioprodutiva do setor da construção, problematizando a cultura produtiva na construção civil, procurando antepô-la a um sub-sistema de produção associada autogestionária, que lograsse articular cooperativas de trabalho, produção e consumo, atuando nos segmentos imobiliário, infraestrutura e serviços de construção etc., integrando trabalho-produção-consumo autogestionários na produção do espaço. O trabalho é ainda propositivo, ao elaborar os conceitos de canteiro-escola para autogestão e de redes de construção autogestionária, com potencial de constituição de um processo mais amplo de emancipação social.

O terceiro artigo temático *A nova fábrica é o bairro?: o trabalho político e territorial de duas organizações de cooperativas na periferia de Buenos Aires*, de Javier Ghibaudi, discute a ação coletiva das populações periferizadas do Conurbano Bonaorense na década de 2000, tanto no

que se refere a sua territorialização quanto a sua relação com o trabalho. O autor destaca os modos como tais propostas e ações de trabalho territorial recriam tradições de classe, questionam a divisão entre lutas sociais fora e dentro da fábrica e quebram o senso comum sobre a incapacidade de ação coletiva de pressupostos excluídos sociais.

O quarto artigo, *Circuitos da economia urbana e economia dos setores populares na fronteira amazônica: o cenário atual no sudeste do Pará*, de Harley Silva, Sibelle Cornélio Diniz, Vanessa Cardoso Ferreira, investiga diversas formas de ocupação atinentes ao circuito inferior (informal, popular, solidária e familiar etc.), na variedade de fronteiras presentes na Amazônia e em presença de inúmeras formas alternativas de inserção econômica da população pobre ali residente. O artigo discute a necessidade de um renovado modo de exploração dos recursos da floresta que possa permitir a incorporação das mais diversas frações desta população. Defende, ao final, uma ampla articulação econômica e institucional, que possa contribuir para ações de fortalecimento e expansão da economia dos setores populares naquele território.

Camila Camargo, no quinto artigo de experiências solidárias, discute as *Novas formas associativas na produção recente de moradia social no Brasil*, abordando a produção habitacional da modalidade “Entidades” do programa Minha Casa Minha Vida, buscando avançar na análise da provisão de moradias pela via da autogestão no Brasil. Aborda virtudes, problemas e indagações dessa modalidade, em termos da qualidade dos produtos e das relações sociais e de produção do espaço urbano que engendra.

Comparando experiências de empresas recuperadas por trabalhadores, a partir dos resultados de ampla pesquisa empírica que elegeram cinco casos, de um universo visitado, sendo quatro na Argentina e um no Brasil, *Empresas recuperadas por trabalhadores no Brasil e na Argentina*, de Flávio Chedid Henriques e Michel Jean-Marie Thiollent, discute os limites e possibilidades da construção de novas relações sociais de produção, perseguindo a identificação de inovações que foram produzidas no campo da organização do trabalho, materializadas por iniciativas de lutas dos trabalhadores pela autogestão na América Latina.

Fechando essa sessão da chamada temática, o artigo *Economía urbana y economía social: un reconocimiento pendiente*, de Ruth Muñoz, realiza uma tentativa de por em diálogo dinâmico a economia social e solidária e a teoria dos dois circuitos da economia urbana. A partir da constatação do enorme acúmulo de experiências solidárias e reivindicativas no espaço urbano, a autora procura realizar tal diálogo, que, segundo ela, teria enorme potencial para promover disputas no campo em torno de melhores condições de vida, trabalho e de luta pelo direito à cidade.

Abrindo a sessão “artigos”, o texto de Maria Cristina Cravino, Jean Louis van Gelder e Fernando Martín Ostuni, *Movilidad social y espacial en los asentamientos informales de Buenos Aires*, analisa o desenvolvimento da informalidade urbana assim como os padrões de mobilidade social e trajetórias residenciais no habitat popular metropolitano das últimas décadas. O artigo mostra as distintas perspectivas e estratégias dos atores para construir a posse segura de suas casas e traz a discussão acerca das políticas públicas enquanto condição para o desenvolvimento da informalidade.

Em seguida, *Subsidiariedade e planejamento urbano em contextos comparados: uma análise entre Portugal, Itália e Brasil*, de Juliano Geraldi, ensaio que parte das bases filosóficas do debate e que tem como objetivo compreender como o conceito de subsidiariedade opera os instrumentos de planejamento urbano em Portugal, Itália e Brasil. Tais casos foram escolhidos por representarem as três formas de organização vertical do Poder: unitária, regional e federativa. Os parâmetros de análise acionados foram: os sujeitos, os objetos e as asserções

normativas, na perspectiva de observar a relação entre Estado e sociedade no planejamento urbano, de forma comparativa, nestes países.

Eduardo Marques e Leandro Rodrigues analisam *O Programa Minha Casa Minha Vida na metrópole paulistana: atendimento habitacional e padrões de segregação*, ao investigarem o volume de produção, sua adequação à demanda habitacional para cada faixa de renda na região, assim como a localização dos empreendimentos. Acabam logrando identificar padrões de segregação dos empreendimentos com relação a distâncias, centralidades e equipamentos públicos, considerando os padrões de localização dos conjuntos existentes e faixas de renda comparáveis. Ao final, sugerem que o programa tem produzido conjuntos menos isolados do que as políticas prévias.

Urbanização extensiva e o processo de interiorização do Estado de São Paulo: um enfoque contemporâneo, de Admir Antonio Betarelli Junior, Roberto Luís de Melo Monte-Mór e Rodrigo Ferreira Simões, concilia três diferentes métodos já clássicos nos estudos regionais para discutir a formação, produção e organização do espaço urbano no Estado de São Paulo a partir da extensão e do transbordamento das condições gerais expansivas do tecido urbano-industrial na configuração do processo de urbanização-interiorização da indústria, com claras e distintas centralidades e polaridades urbanas na (re)organização e (re)definição da produção do espaço.

Políticas sociais e políticas de cultura: territórios e privatizações cruzadas, de Cibele Saliba Rizek, traz para o debate o inquietante cruzamento entre modos de gestão terceirizada da cultura e as ações e equipamentos de saúde na Zona Leste da Cidade de São Paulo. A autora identifica nessa inédita interssetorialidade a conformação de um planejamento social privado por parte de Organizações Sociais de Cultura e de Saúde que redesenham formas de atuação e margens do Estado nas suas relações com programas sociais. Uma gestão privada da vida da população em condições de vulnerabilidade, problematizada neste artigo, se estende nos territórios onde tais organizações se fazem presentes.

Dois resenhas integram, ainda, as contribuições deste número. Apresentam dois relevantes livros, lançados recentemente, para os debates de nosso campo de conhecimento. A primeira, realizada por Fania Fridman, nos apresenta a coletânea, organizada por Vera Rezende, *Urbanismo na Era Vargas*, que reúne onze artigos de diversos especialistas da Rede de Pesquisa Urbanismo no Brasil, os quais avançam na elucidação de importantes elementos das especificidades e da importância do urbanismo e do planejamento urbano no país. O segundo, realizado por Ricardo Farret, nos apresenta outra coletânea, organizada por Marília Steinberger, *Território, Estado e políticas públicas espaciais*, que reúne artigos sobre as várias estratégias territoriais (regional, urbana, rural, industrial, logística, ambiental etc.), buscando identificar se e como o espaço e o “território usado” estão nelas presentes.

Carlos Brandão

Editor responsável

Fernanda Sánchez

Editora assistente

Luciana Correa do Lago

Editora convidada do núcleo temático